PELLOTIER, Víctor Manuel Franco. 2011. *Oralidad y ritual matrimonial entre los amuzgos de Oaxaca*. México, D.F.: Universidad Autónoma Metropolitana / CIESAS / Miguel Ángel Porrúa. 377 pp

Antonio R. Guerreiro Júnior
Pesquisador livre

Oralidad y ritual matrimonial entre los amuzgos de Oaxaca é a publicação póstuma da tese de doutorado em antropologia de Víctor Manuel Franco Pellotier. Formado em antropologia e linguística, Pellotier dedicou quase 20 anos de pesquisa entre os amuzgos dos estados mexicanos de Oaxaca e Guerrero, mas sua morte prematura em 2004, aos 50 anos, não lhe permitiu defender sua tese. Desde 1976 ele atuou como pesquisador e docente no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropologia Social (CIESAS), tendo também trabalhado na Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH) e na Dirección General de Educación Indígena (DGEI) do México. Seu trabalho prévio com a língua hñahñu, no Vale do Mezquital (estado de Hidalgo), contribuiu para a criação da Academia de la Lengua Hñahñu, e suas pesquisas entre os amuzgos possibilitaram a documentação e o fortalecimento de sua língua.

Este livro é o resultado do esforço de pesquisadores e amigos de Pellotier para dar ao manuscrito original da tese o formato de livro – a qual, como esclarece Sérgio Pérez Cortés na "Apresentação", sofreu alguns cortes a fim de produzir um texto mais conciso e fluido do que um trabalho direcionado a uma banca examinadora, mas sem interferir na forma como ele havia sido concebido por seu autor. O livro é acompanhado por um DVD, no qual se encontram os apêndices da tese, o *corpus* integral das performances analisadas e as gravações em áudio e vídeo de execuções orais.

Os amuzgos são uma população indígena de cerca de 44 mil pessoas que vive nos estados de Guerrero e Oaxaca, no México, e falam uma língua pertencente à família Otomangue. Pellotier desenvolveu sua pesquisa em San Pedro Amuzgos, um município com mais de 5 mil habitantes no sudoeste de Oaxaca. O objeto do livro, como explicitado no título, é o lugar da fala no ritual matrimonial amuzgo. Este ritual consiste em uma série de encontros entre as famílias

de um jovem pretendente e de uma moça procurada como esposa, nos quais um "pedidor", convidado pela família do rapaz, faz uso intenso da palavra no sentido de viabilizar um consenso entre as partes e concretizar o casamento. O uso da fala é central para o ritual, ele próprio considerado como "a palavra que vai e vem", e o adequado desenrolar de suas fases como "o avanço da palavra".

À exceção do ritmo de execução, o "pedido da noiva", como é conhecido, é um gênero de oratória que aparentemente em nada se diferencia da fala cotidiana. Contudo, nota-se que os pedidores, a despeito de suas execuções particulares e variadas, recorrem de modo regular a certos temas, fórmulas e técnicas nas ocasiões em que são chamados a atuar. Assim, Pellotier se propõe a investigar as técnicas de composição oral destas performances, que definem os contornos do gênero de fala do "pedido da noiva". O autor argumenta que o próprio ritual matrimonial não existe sem as performances orais, e que é na forma e no sentido destas que devem ser procurados os elementos pelos quais o ritual é conduzido e adquire eficácia. Por este motivo, Pellotier afirma que o ritual matrimonial amuzgo é "oralidade ritualizada", pois é "a palavra que vai e vem" que faz avançar o ritual.

A partir das "teorias da oralidade", sobretudo os trabalhos clássicos de Milman Parry, Albert Lord e Erick Havelock, o autor argumenta que o trabalho de investigação de uma cultura oral tem como propósito examinar os dispositivos linguísticos formais que permitem conservar, na memória individual e coletiva, um conjunto de saberes cuja perpetuação não repousa em registros escritos. Assim, mais do que descrever o ritual matrimonial amuzgo, o objetivo de Pellotier é compreender como o exercício desse gênero oratório ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva sobre performances passadas (que envolve não apenas a linguagem, mas todo um conjunto de ideias e valores associados ao ritual, ao casamento e à vida familiar) e projeta suas condições de reprodução futura.

O livro é dividido em sete capítulos, dedicados a diferentes dimensões do ritual matrimonial. O primeiro capítulo oferece uma visão geral do ritual, segundo as fases que compõem sua forma ideal e as performances orais relativas a cada uma. Estas fases são o *pedido*, o *compromisso* ("*quedamento*"), o *casamento* (*bodas*) e os *conselhos*. A etapa do pedido consiste em pelo menos três visitas à casa dos pais da noiva, durante as quais "a palavra avança" buscando os consentimentos de cada vez mais familiares, principalmente dos padrinhos da jovem. Nesta fase do ritual, o pedidor é o centro das atenções, pois é quem conduz quase todas as visitas. As intervenções dos parentes da jovem são breves, sempre no sentido de colocar em dúvida a possibilidade do casamento – o que cabe ao pedidor rebater, pedindo uma "palavra de consolo" e argumentando sobre a importância do casamento e a sinceridade das intenções do pretendente.

A família da moça pode, se quiser, convidar um "contestador", que irá falar segundo o mesmo estilo de oratória. Estando os parentes mais próximos de conformidade, escolhe-se o padrinho de casamento e avisam-se os demais familiares que "haverá chocolate" – uma forma de dizer que ocorrerá uma festa de comprometimento entre as famílias e os jovens, agora noivos. Nessa ocasião, entra em cena uma nova figura, o *interrogador*, alguém que, no mesmo estilo de fala do pedidor, questiona os jovens sobre suas intenções. O que se espera ouvir, de modo geral, é que estes estão se casando por livre e espontânea vontade. Tempos depois acontece o casamento, ao final do qual o casal recebe de seus parentes e do pedidor uma série conselhos sobre a vida conjugal.

Como Pellotier mostra, os contextos rituais ampliam-se cada vez mais, o que é considerado um efeito das palavras do pedidor, que "abrem o caminho" até o casamento. O autor enfatiza que, por esta razão, as falas cerimoniais não podem ser vistas como um simples "acompanhamento" do ritual, mas são o ritual mesmo – é por meio da fala que se moldam as relações entre as famílias do futuro casal, é dela que depende a possibilidade do casamento.

No segundo capítulo são abordados os temas presentes nas performances dos pedidores (como o pedido de perdão aos familiares da jovem, a importância da escolha do padrinho, a necessidade de se completarem as famílias, as relações entre pais e filhos). Pellotier observa que tais temas não são unidades predefinidas em torno das quais os pedidores estruturam sua fala; ao contrário, é a necessidade de encadear frases rapidamente que faz com que estas se organizem segundo ideias correlatas, configurando conjuntos de sentenças que podem ser percebidos como temas e subtemas. Contudo, sua ordem de aparição não é aleatória, pois em todas as performances há temas que se repetem nas fases inicial, intermediária ou final da execução, além de haver temas típicos de abertura, fechamento e transição. O autor sugere que os temas são evocados segundo um conjunto restrito de frases formulaicas, objeto do terceiro capítulo.

As fórmulas são entendidas, seguindo os trabalhos de Parry e Lord sobre a poesia épica eslava, como maneiras concretas de expressar os temas abordados nos discursos, vinculando-os aos níveis fraseológico (morfossintático), prosódico e retórico. Como demonstra Pellotier, as fórmulas não são simples "repetições" de frases, mas aplicações variadas, criativas, de um conjunto mais ou menos restrito de padrões fraseológicos que se servem de palavras-chave ou expressões recorrentes para a composição oral dos temas. Mas as fórmulas ou os padrões formulares nem sempre são frases completas (apesar de eventualmente o serem), e sim partes da fraseologia que caracteriza este gênero de fala – objeto do quarto capítulo.

A articulação quase ininterrupta de frases (o "avanço" da palavra, como insiste o autor) está subordinada a um sistema de composição paratática – isto é, proposições e frases relativamente independentes são coordenadas de forma paralela, e não subordinadas (como seriam em construções hipotáticas), permitindo que o pedidor execute sua fala continuamente e com rapidez. Isto exige que os pedidores dominem a articulação entre temas, padrões formulares e técnicas de coordenação, por exemplo, através do uso de expressões formulares de tipo sintático, que estabelecem padrões de conexão que, sem constituírem temas ou fórmulas específicas, cumprem uma função de combinação entre padrões formulares. Este sistema de composição paratático é marcado ainda por certo ritmo, pois nota-se que a construção de frases e a mudança de temas são marcadas por pausas razoavelmente regulares. O quinto capítulo oferece a análise completa de um trecho de fala, levando em conta a combinação entre temas, fórmulas, fraseologia, prosódia e retórica.

Nos dois últimos capítulos, Pellotier focaliza a formação e o estilo pessoal dos pedidores (capítulo VI), e as relações entre o ritual matrimonial amuzgo e o cristianismo (capítulo VII). O autor mostra como os pedidores têm diferentes trajetórias e estilos de oratória, mas argumenta que esta prática teria se originado a partir de uma combinação do ritual matrimonial amuzgo "tradicional" (que envolvia visitas da família do pretendente aos parentes da jovem) com a liturgia do casamento cristão. Pellotier mostra como os principais temas do ritual amuzgo compunham muitos manuais da Igreja para o casamento de índios durante a dominação espanhola. Algumas informações deste capítulo, contudo, poderiam ter sido adiantadas ao leitor, pois a figura do deus cristão está presente nas falas analisadas desde o início do livro.

A forma como a obra está organizada torna-a um pouco repetitiva, pois a todo momento o autor retoma em detalhes argumentos já desenvolvidos em outras ocasiões (o que talvez se deva ao formato de tese no qual o trabalho fora originalmente redigido). A escolha metodológica de analisar diversos níveis do discurso isoladamente, para somente no quinto capítulo apresentar a análise completa de um evento de fala, contribui para a sensação de redundância. Ainda, falta uma apresentação geral dos amuzgos de Oaxaca e sua língua para aqueles que (como eu) não conhecem em profundidade a situação indígena no México: quem são, como vivem, qual o estado das investigações sobre sua língua e sobre o ritual matrimonial, falam qual das variantes de amuzgo, em que condições a pesquisa de campo e o trabalho de transcrição/tradução dos registros foram realizados etc. Mas estes pequenos detalhes em nada prejudicam o grande objetivo de Pellotier: compreender os complexos princípios de composição oral pelos quais os pedidores de noivas amuzgos fazem "avançar a palavra".